

RADIOGRAFIAS CULTURAIS DE IMPERATRIZ



Suplemento
Cultural
do Zine
Sibita

EDIÇÃO
NÚMERO 1

DEZEMBRO
DE 2023

SIBITA

CULTURA EM DIAGNÓSTICO

Radiografias costumam trazer boas ou más notícias sobre um organismo vivo. Seja qual for o diagnóstico que revelem, são essenciais para apontar equívocos que geraram males e soluções para curá-los. Este suplemento especial do Sibita tem a proposta de radiografar como está a saúde cultural de sete manifestações artísticas em Imperatriz: artesanato, artes visuais, cinema, geek, dança, teatro e música. A cultura de uma cidade, como um corpo, também pulsa vibrante ou pode estar sobrevivendo por aparelhos.

Nas próximas páginas, quem descreve e identifica os pontos mais frágeis e os sinais de plenitude de cada uma dessas manifestações são os próprios artistas e produtores. Todas as reflexões são marcadas pela sinceridade e o desejo de transformar, a partir de atitudes coletivas, as realidades representadas. Como constituir um público ativo? De que maneira garantir uma formação completa para novos artistas? Quais são as formas de sensibilizar os poderes públicos e as iniciativas privadas para a importância da arte como expressão genuína de uma sociedade?

Com a mesma responsabilidade de uma junta médica, as pessoas diretamente envolvidas com cada expressão artística apresentam, neste suplemento, as possíveis respostas para essas perguntas. Nos casos mais graves, não há soluções fáceis ou de curto prazo. Mas todos os entrevistados apontam questões em comum. É preciso avaliar as ações do passado que foram frutíferas para tentar reproduzi-las em novos contextos. A atitude de apenas depender de um mecenas benevolente é ilusória. Sem união de classe, mesmo com iniciativas individuais de sucesso, os resultados não são amplos. Você, leitora ou leitor, pode e deve auxiliar nesse debate. A cultura de Imperatriz quer tomar fôlego de ar puro e agir.

SIBITÃO - SUPLEMENTO CULTURAL DO ZINE SIBITA

Nº1 - DEZEMBRO DE 2023

SIBITÃO é um suplemento cultural do projeto laboratorial multimídia Zine Sibita, que contempla o site www.zinesibita.ufma.br, o perfil @zinesibita e o fanzine Sibita, coordenado pela professora Yara Medeiros, do grupo de pesquisa LoveLabCom (Laboratório de Comunicação Visual e Edição Criativa - @lovelabcom)

COORDENAÇÃO DO SUPLEMENTO DOS PROFESSORES

Alexandre Maciel
Yara Medeiros

CHEFE DE REPORTAGEM E EDIÇÃO DOS TEXTOS

Alexandre Maciel

PROJETO GRÁFICO E COORDENAÇÃO DE DESIGN EDITORIAL

Yara Medeiros

TEXTOS, DIAGRAMAÇÃO E ARTE
turma da disciplina
Jornalismo Impresso II
(2023.2)

EQUIPE DE APOIO LOVELABCOM

ILUSTRAÇÕES DO MASCOTE SIBITA

Yasmin Silva
(cinema, artes visuais,
artesanato, super-herói)

Natália Catherine
(capa, música,
dança, geek, teatro)

ASSISTENTES DE PRODUÇÃO GRÁFICA

Maria Gabriela
Natália Catherine
Saiury Lima
Yasmin Silva

CURSO DE JORNALISMO UFMA IMPERATRIZ

Centro de Ciências de Imperatriz
(CCIM)

As informações aqui contidas
não representam a opinião da
universidade.

REPÓRTERES DESTA EDIÇÃO



DÉBORA MAIA

Somente o tempo vai me revelar quem sou.



EDUARDA ANCHIETA

Simplemente obcecada por livros, no nível loucura mesmo. Já me dei meu presente de Natal, 11 livros.



JANAYNA SOUSA

Deixe os sentimentos chegarem a você, mas saiba que eles precisam ir embora de vez enquanto.



GUILHERME CARNEIRO

Tipo a Britney 2007, meio incompreendido.



KATHERINE MARTINS

Força, foco e café.



JEAN QUEIROZ

Qualquer brisa verga, nem uma espada corta.



KETCIA FREITAS

Não sei, só sei que foi assim.



LARA CASTRO

Como já diria Taylor Swift: "Você precisa se acalmar!"



LAURYA SANTANA

Eu encontrei aquele que primeiro me amou.



LUANA BANDEIRA

Em um processo social de busca. Como dizia Clarice Lispector: "A única verdade é que vivo. Sinceramente, eu vivo. Quem sou? Bem, isso já é demais."



MARIA GABRIELA

Palavras à língua. Prefiro escrever a falar.



RENATA LIMA

Eu vivo altas aventuras no mundo imaginário.



PEDRO BERTOLDO

Aventureiro que vive a vida através de histórias nas páginas de livros e contação de histórias.



SAIURY LIMA

Nada se inicia na linha de chegada.



SOPHIA BECKER

Sô fia de Deus.



SARAH ROCHA

A imaginação é a tinta que colore os dias.



VALDEÍRES FERREIRA

Assim como a borboleta, minha vida é uma jornada de evoluções, tendo em mente que a superação representa uma fase de crescimento.

ILUSTRADORAS



NATÁLIA CATHERINE

Vai dar certo, porque errado já tá dando.



YASMIN SILVA

De poucas palavras, prefere ilustrar.



ARTE PARA SER OLHADA

ARTISTAS VISUAIS IMPERATRIZENSES BUSCAM RECONHECIMENTO EM CENÁRIO DESAFIADOR

POR

DÉBORA MAIA

KATHERINE MARTINS

Com 29 artistas cadastrados no site da prefeitura, Imperatriz apresenta um cenário desafiador para quem deseja viver das artes visuais. A dificuldade para encontrar materiais, a falta de incentivo financeiro e a baixa expressividade de locais para a exposição das obras são as principais queixas.

“Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo”. Assim como na letra da canção de Toquinho, o despertar para as artes visuais ocorre logo cedo na vida de algumas pessoas. “Eu trabalho com artes plásticas profissionalmente há 15 anos, mas o desenho surgiu desde a minha infância”, conta o artista plástico Eder Areia, que nasceu em uma família de artistas.

O cenário de Imperatriz é repleto de talentos e basta um olhar atento para encontrar as cores e texturas das artes visuais que embelezam a cidade. Pinturas em tela, ilustrações, grafites, esculturas e xilogravuras, são alguns exemplos de expressões locais.

O Centro Cultural Tatajuba, patrocinado pela empresa Vale e que recebe apoio financeiro da Suzano, é um dos poucos lugares abertos à visitação para contemplar as artes plásticas. O espaço abriga as galerias de arte chamadas de Brasil e Sol, e já contou com dois artistas residentes, Antônio Alexandre e Tonneves.

Mesmo diante do cenário atual para a divulgação dos seus trabalhos, os artistas visuais imperatrizenses afirmam que resiste um espírito de comparação entre eles. “Tem sido bem acolhedor e, de certa forma, uma rede de apoio de pessoas indicando pessoas, dividindo e compartilhando arte para fortalecer o cenário e a construção. Claro, sem excluir as experiências a respeito da dificuldade de se trabalhar com a arte”, afirma a ilustradora Yasmin Silva, que reconheceu o seu dom aos 11 anos de idade.

Com a carência de espaços físicos, a internet tem se tornado aliada na divulgação de trabalhos nas mais variadas áreas, inclusive as artes visuais. O Instagram transformou-se em um portfólio e quem deseja conhecer mais sobre os traços e estilos, pode seguir o perfil do artista desejado. “Eu trabalho normalmente pelas redes sociais e em comunidades específicas, tipo jogos, ficção e RPG. Então, a grande maioria de meus clientes são *gamers* ou pessoas que curtem essas áreas”, conta Yasmin.

De artista versátil a vendedor

Para se manter no cenário artístico imperatrizense, a versatilidade é uma das principais aliadas. “É bem difícil se viver da arte, então eu acabo me expandindo para vários ângulos, para várias direções. Meus principais clientes são bem versáteis também, desde mães gestantes para preparar o quarto do bebê, fazer alguma decoração, uma pintura na parede, lanchonetes e empresas grandes”, relata Eder Areia.

O artista plástico Sílvio Matos, de 56 anos, que desenha desde a década de 1970, comenta os desafios para se viver de arte em Imperatriz. “Você tem que ser artista, tem que ser vendedor, tem que trabalhar com um jogo de cintura para poder dar certo. E raramente a gente consegue vender um trabalho num valor correspondente que realmente merece, tem que fazer quase que simbólico”, explica. Sílvio também aponta dificuldades para conseguir materiais na cidade, e muitas vezes, precisa comprar em outros lugares.

Nascido no Pará, Sílvio migrou cedo para Imperatriz, e hoje é um dos pioneiros no cenário das artes visuais da cidade. Suas obras possuem características regionais, embora o artista tenha recebido influência dos pintores modernistas Tarsila do Amaral, Portinari e Di Cavalcanti. “Tem umas cores bem vibrantes, com um personagem que está sempre presente, que é o nordestino, de uma forma até um pouco condensada. Porque é um homenzinho gordinho, um sertanejo, com as mãos grossas”, detalha o pintor.

As artes expandem fronteiras, e o trabalho dos artistas imperatrizenses percorrem o mundo, seja por meio das redes sociais ou das obras físicas. “Tenho um cliente na Suíça que pede sempre, tem uma de Paragominas que já pediu umas 20, 30 telas, uns R\$ 30 mil de tela só pra uma casa”, conta Sílvio.

Apreciadora das obras de Sílvio Matos, Roberta Kerlly já adquiriu 20 quadros de sua autoria e recebeu quatro de brinde. “Eu tenho muita arte. Algumas eu ganhei, e outras comprei. Eu faço parceria, compro e a pessoa me dá um, dois brindes. Eu gosto de fazer isso também, ajudar o artista. A gente tem que saber que o artista vive da arte”, relata a cliente.

**Recorte da obra
“O pilão”,
de Sílvio Matos**



“EM IMPERATRIZ A GENTE TRABALHA POR AMOR, NÃO TANTO VISANDO O LUCRO. A GENTE CONSEGUE VENDER QUADROS, MAS NÃO É FÁCIL”

LEÔNIDAS ALENCAR, ARTISTA PLÁSTICO

Outro artista imperatrizense que expande o seu trabalho para territórios internacionais é Tonneves. “Iniciei na arte da pintura em telas no ano de 1980, e já em 1984 vendi minha primeira obra para o exterior. Duas telas para uma colecionadora de Nagoya, no Japão”.

Investimento precarizado

“Em Imperatriz, a gente trabalha por amor, não tanto visando o lucro. É difícil vender quadros aqui, a gente consegue, mas não é fácil”, conta Leônidas Alencar, artista plástico imperatrizense.

O número de 29 artistas visuais cadastrados na prefeitura parece expressivo, mas o investimento é escasso. Eles reconhecem as dificuldades para viver do seu talento e a falta de incentivo para exposição de suas obras. Pouco se fala sobre espaços públicos abertos para a população prestigiar os artistas da cidade.

“Tem a Fundação Cultural, apoiada pela prefeitura, mas não é muito relevante, pois não tem muito incentivo. Se a gente produz uma peça, se reúne e produz uma mostra, tudo bem. Mas partindo deles mesmo é bem difícil, a gente vai levando da maneira que dá certo”, afirma o pintor Leônidas Alencar.

Além dos clientes particulares, os artistas aguardam os editais para continuar trabalhando e garantir o sustento. Pela prefeitura de Imperatriz, o último edital destinado especificamente às artes visuais foi lançado em 2020. A falta de incentivo do poder público para organização de eventos artísticos dificulta a expansão da arte na cidade.

Na
ilustração
de Yasmin
Silva, a
personagem
Mahariel,
elfo para jogar
em Dragon
Age: Origins
(RPG).





“Urbanicídio”, pintura de Tonneves.

“Imperatriz, como é uma cidade grande, avançada, deveria apoiar melhor os seus artistas plásticos. Ter um espaço para exposição, uma galeria ou um museu. No meu ponto de vista, a prefeitura e as fundações deveriam apoiar mais os artistas da cidade”, afirma o pintor Cícero Alves.

A verba destinada para investir na cultura é disponibilizada, mas quem produz arte tem dificuldade para acessá-la. “A gente está esperando o apoio, pois eu sei que verba tem disponível. O que falta é realmente chegar na mão dos artistas, mas estamos deixando muito a desejar também. Se um tem boa vontade, dez não tem. Então, tem que ser um trabalho em conjunto para dar o resultado final. Uma pessoa que realmente seja apaixonada por arte, que esteja lá não simplesmente por uma indicação política”, comenta Sílvio sobre a lógica dos editais.

A visão dos artistas sobre a falta de incentivo ao segmento das artes plásticas é unânime. “Eu acho Imperatriz um pouco atrasada nesse sentido, porque não há muito incentivo para a arte. Principalmente essa arte nossa aqui, esse negócio de pintura, o cara se vira como pode”, queixa Leônidas Alencar.

Mesmo diante das dificuldades vividas pelos artistas, o espaço das artes visuais em Imperatriz tem sido bem representado. “O nosso trabalho não deixa a desejar de lugar e artista nenhum, mesmo cada um dentro do seu estilo. Se houvesse interessados na elaboração de projetos, nós teríamos pessoas para expor em qualquer lugar do mundo”, acredita Sílvio Matos. A esperança está na possibilidade de um maior apoio público, de modo que a cidade possa realmente florescer como um centro artístico vibrante.

**“SE HOUVESSE INTERESSADOS
NA ELABORAÇÃO DE
PROJETOS, NÓS TERÍAMOS
PESSOAS PARA EXPOR EM
QUALQUER LUGAR DO
MUNDO”**

SÍLVIO MATOS, ARTISTA PLÁSTICO

COXIAS VAZIAS:



ARTISTAS RELATAM ABANDONO
DA CENA TEATRAL IMPERATRIZENSE

POR

PEDRO BERTOLDO

MARIA GABRIELA

Não adianta você oferecer cultura gratuita se não desperta nas pessoas a vontade de consumi-la”. A reflexão do ator, diretor e escritor, Domingos de Almeida, retrata a situação da expressão teatral em Imperatriz. Sua opinião se soma à do artista circense Cleiton Viana e da professora e atriz com experiência de 25 anos na área, principalmente no teatro infantil, Eró Cunha. Os artistas nas coxias, bastidores do teatro não visíveis ao público, enfrentam a ausência de estrutura, o desinteresse do público e a falta de investimento na área.

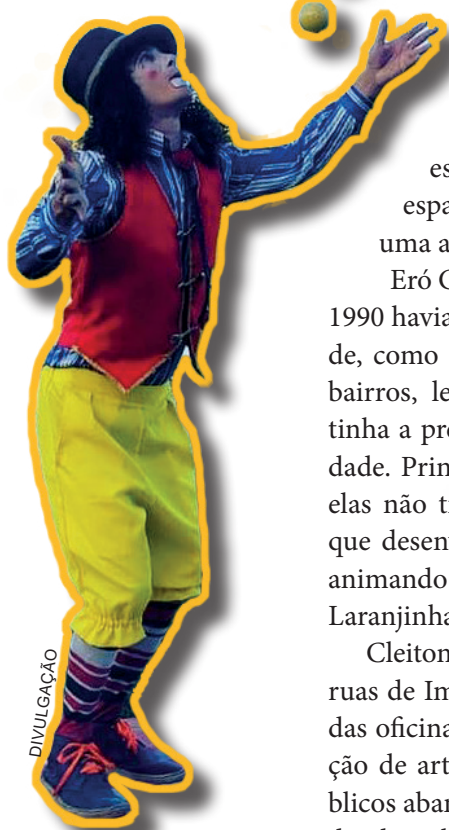
Domingos conta que quando chegou em Imperatriz, em 2011, teve um impacto com a falta de cultura teatral na cidade. “Nós que somos da arte, temos aquela necessidade de buscá-la, de ir atrás e eu não vi isso aqui”, relata. Segundo ele, em Alto Alegre do Maranhão, sua cidade natal, com cerca de 24 mil habitantes, em qualquer esquina as pessoas respiram o teatro mesmo não tendo uma estrutura adequada para a realização de espetáculos.

Ao procurar o teatro Ferreira Gullar para saber quais os dias de espetáculos, ensaios e até mesmo se algum curso era oferecido, se deparou com as portas fechadas não só naquele dia, mas também durante toda a semana. “Lá não é um teatro no sentido pleno da coisa, é mais um lugar para realizar eventos. Ele não tem uma estrutura boa para realizar peças e não é um espaço atrativo. Possui uma associação, mas é uma associação que não tem rosto”, desabafa.

Eró Cunha se recorda que em meados dos anos 1990 havia um movimento cultural intenso na cidade, como atividades de lazer nas ruas, cinema nos bairros, leitura nas praças e exposições. “Sempre tinha a presença das crianças e sempre essa ociosidade. Principalmente para as crianças da periferia, elas não tinham acesso”, frisa a professora e atriz, que desenvolve projetos pedagógicos e comerciais, animando festas, com a sua personagem, a palhaça Laranjinha.

Cleiton Viana iniciou as atividades circenses nas ruas de Imperatriz em meados de 2010. Ele lembra das oficinas promovidas pelo OcupArte, manifestação de artistas que ocupou, na época, espaços públicos abandonados na cidade. Ele também trabalha dando aula de malabares e se queixa da desvalori-

**Artista circense
Cleiton Viana.**



DIVULGAÇÃO

zação, pois o preço que ele cobra costuma ser questionado por quem o contrata. Para cada hora de espetáculo, existem mais de 20 anos de treino. “Estou todos os dias praticando. Às vezes a pessoa pensa que é só meia hora, mas não vê o tanto de hora que estou lá treinando para chegar àquela perfeição para sair um espetáculo bem bonito”, conta o artista, emocionado.

Domingos acredita que a falta da tradição de ir ao teatro não é culpa das pessoas em si, e sim, porque ainda não ocorreu o momento de despertar para o consumo e realização da arte. Ele tem conhecimento que Imperatriz desenvolveu um grande movimento cultural, como o teatro de rua, nos anos 1980 e 1990. “Mas acabou que as gerações posteriores não deram continuidade, resultando no segmento teatral engessado em termos de plateia, incentivo e de formação”, explica o ator.

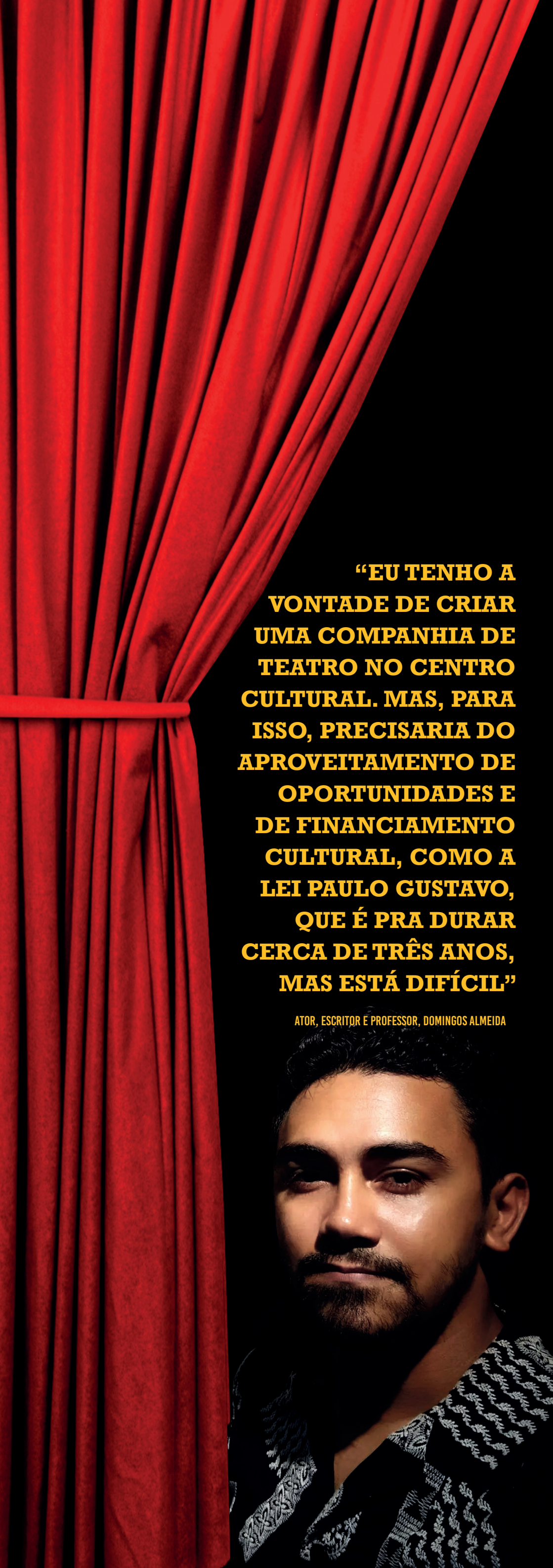
Cleiton vive praticamente 100% da arte, trabalha com teatro de rua e circense, pinta seus próprios quadros e os vende. Isto lhe dá plena razão para achar que a cidade ainda encara um conservadorismo em relação à arte e que ela precisa crescer neste ramo, pois segundo ele “sem arte ninguém vive”.

Nos projetos de contação de histórias a partir das obras de escritores negros da literatura infantil que desenvolve com as crianças, Eró busca estimular que elas tenham contato com universos culturais mais amplos. “Quem não tem acesso à cultura, como nossas crianças, que desconhecem a sua história, trajetória cultural, política, religiosa, vai absorvendo o que é jogado na mídia. Tudo isso foi sendo diluído com essa cultura de massa, que foi massificando o que está nas redes sociais”, analisa Eró.

O Projeto Resgate, promovido pela Associação Artística de Imperatriz (Assarti), é uma forma, segundo Eró Cunha, de levar o teatro diretamente para as comu-

Atriz e educadora Eró Cunha.





**“EU TENHO A
VONTADE DE CRIAR
UMA COMPANHIA DE
TEATRO NO CENTRO
CULTURAL. MAS, PARA
ISSO, PRECISARIA DO
APROVEITAMENTO DE
OPORTUNIDADES E
DE FINANCIAMENTO
CULTURAL, COMO A
LEI PAULO GUSTAVO,
QUE É PRA DURAR
CERCA DE TRÊS ANOS,
MAS ESTÁ DIFÍCIL”**

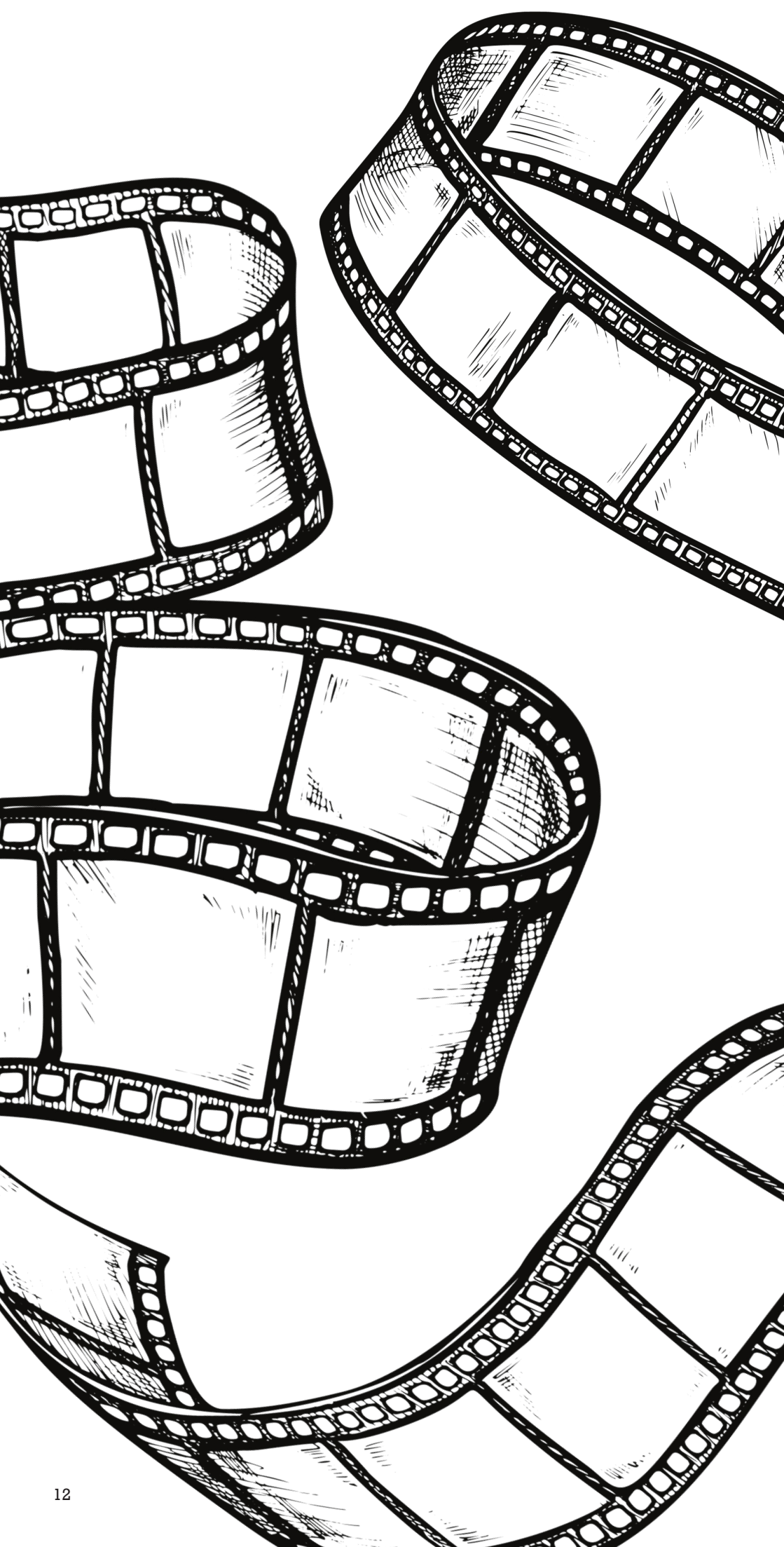
ATOR, ESCRITOR E PROFESSOR, DOMINGOS ALMEIDA

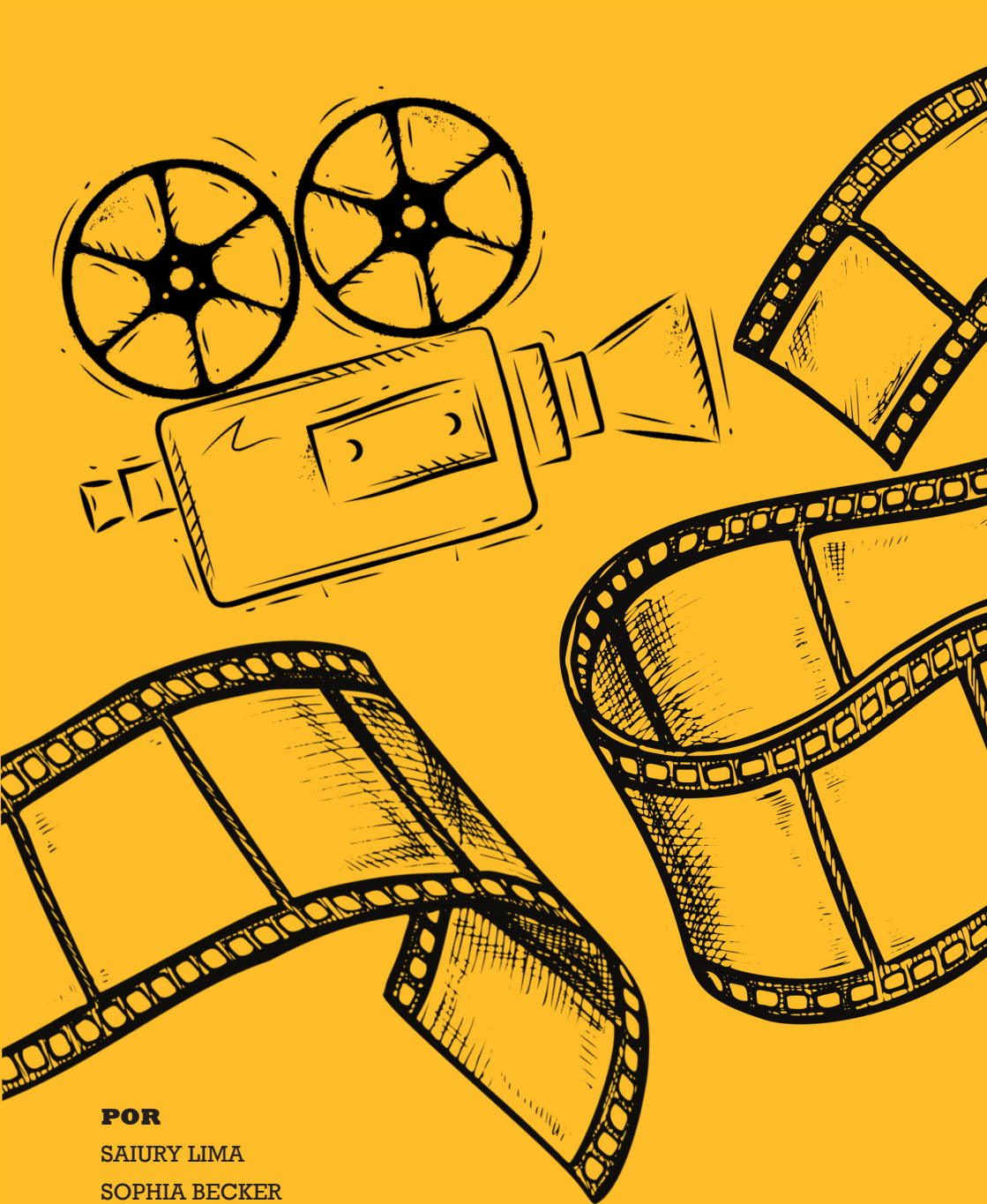
CINEMA



EFEITO TELA

EXPLORANDO O CINEMA
ALÉM DE SUAS PROJEÇÕES





POR

SAIURY LIMA

SOPHIA BECKER

O cinema, desde a sua criação, age como forma de expressão artística e meio de entretenimento social. Para os amantes e fãs, é visto como um momento de apreciar a cultura e se emocionar. Aos que produzem, possibilita transmitir uma mensagem importante ou contar uma boa história. Em outras perspectivas, também auxilia o desenvolvimento cinematográfico local. Além de ser idealizado como um sonho de infância, por alguns, assistir aos filmes preferidos em tela grande.

Apesar da ampliação dos serviços de *streaming*, o cinema continua a ocupar um lugar de destaque para os amantes da sétima arte. Este sentimento é compartilhado por Ronny Rodrigues, ex-auxiliar administrativo do Imperacine, localizado no Shopping Timbira, em Imperatriz, e que dedicou 12 anos de sua vida a esse espaço cinematográfico, hoje extinto.

Para ele, o cinema transcende a mera exibição de filmes. “É um local de encontro, uma experiência social que oferece um contato humano único e uma oportunidade para fazer amizades, compartilhar discussões e mergulhar na magia da tela grande. Não é como estar em casa. É diferente, causa um sentimento único e surreal”, declara Ronny.

De acordo com os dados da Agência Nacional do Cinema (Ancine), em 2022 houve um aumento de 82% em termos de frequência do público nas salas de cinema, atingindo 95,1 milhões de espectadores, enquanto a renda cresceu 98,8%, alcançando R\$ 1,8 bilhão após a pandemia.

Ronny acredita que a população aderiu mais às plataformas de *streaming* devido às consequências do isolamento social. “Os empresários, os donos de cinema, as distribuidoras, quem está envolvido nessa área, ficaram preocupados de o telespectador querer só o *streaming* depois disso.”

Ele faz uma comparação para expressar o que acredita: “Algumas pessoas preferem cozinhar em casa, tem uma cozinha maravilhosa, chamam os amigos, fazem seu jantar, mas elas não deixam de frequentar restaurantes”.

Para Ronny, quem utiliza as plataformas de *streaming* busca conforto e tranquilidade, mas não abandona as salas, “porque o cinema carrega uma atmosfera diferente”.

**“UMA
EXPERIÊNCIA
SOCIAL QUE
OFERECE UM
CONTATO
HUMANO
ÚNICO E UMA
OPORTUNIDADE
PARA FAZER
AMIZADES”**

RONNY RODRIGUES, EX-AUXILIAR
ADMINISTRATIVO DO IMPERACINE

Paixão desde a infância

Solange Santos, uma agente de saúde de 37 anos, tem o cinema como parte de sua vida desde a infância. “Sempre me interessei bastante pelo cinema nacional e sempre achei o máximo saber que, próximo a mim, existem pessoas talentosíssimas, ótimos diretores, atores e roteiristas. Porque a nossa cultura é muito rica. Não só aquelas pessoas lá de Hollywood, com filmes épicos, orçamentos astronômicos, mas também o valor das produções nacionais”, descreve.

Restrições financeiras e a carência de salas de projeção em algumas localidades, têm inviabilizado a vivência cinematográfica para muitos apreciadores. Como relata Jarlene Xavier, uma estudante de enfermagem de 20 anos que mora em Grajaú (MA), cidade com cerca de 70 mil habitantes, mas nenhuma sala de cinema. “Eu sempre quis assistir a um filme em uma tela maior, em cadeiras confortáveis, em uma sala escura, acredito que seria uma experiência sem igual”.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), estima que 54% da população brasileira nunca tiveram a oportunidade de frequentar uma sala de cinema. Enquanto outros 26% raramente desfrutam da experiência de assistir a filmes nas telonas.

Um soco no estômago

Enquanto blockbusters estrangeiros como *Vingadores*, *Barbie* e *Oppenheimer* brilham nas telas, a apreciação das obras cinematográficas brasileiras permanece marcada por números muito menores quando comparados ao prestígio dessas produções. Estudos da Ancine revelam que entre os anos de 2021 a junho de 2023, a porcentagem se manteve abaixo da marca de 5% em relação às produções internacionais.

“O cinema é crucial para entender quem somos como nação. O Brasil tem a liberdade de mostrar suas feridas, e é por isso que o cinema brasileiro muitas vezes fica à margem. É essencial que mostremos a riqueza do cinema nacional para abrir cada vez mais espaço para a cinematografia brasileira”. É o que destaca Gilberto Freire de Santana, professor da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (Uemasul), e um dos responsáveis pelo projeto Cine Muiraquitã, nome em homenagem ao primeiro cinema de Imperatriz. Hoje, funciona de forma gratuita, com exhibições de obras cinematográficas e abertura para debates.

Gilberto acredita que é preciso exhibir obras que possibilitem debates aprofundados. “Os filmes têm que ser provocadores. A arte é um soco no estômago, ela tem que tirar seu fôlego, ter impacto no sentido de

pensar sobre quem somos nós e porque estamos aqui. A arte é pra isso.”

Em Imperatriz, o cenário do mercado cinematográfico é moldado pelas franquias de cinema operadas pelos shoppings centers da cidade, como o Cine Star e o Cinesystem. A seleção das obras em exibição é direcionada por critérios que incluem a demanda da audiência, negociações com distribuidoras para determinar o tempo de permanência de cada filme nas telonas e a resposta do público às produções em cartaz.

Natália Campelo, subgerente do Cine Star, localizado no Tocantins Shopping, argumenta que a lógica da exibição depende da demanda. “Se um filme tem um público maior, ele fica mais tempo, tem melhores horários. Se tem mais gente para assistir, então entra mais dinheiro em caixa. Então seguimos sempre essa logística, de acordo com aquilo que as distribuidoras pedem”, explica.

Além disso, o desequilíbrio entre o consumo de produções nacionais é somado aos desafios enfrentados pela indústria cinematográfica brasileira para competir com as grandes produções de Hollywood e cativar o público local. “As pessoas procuram os filmes nacionais, mas às vezes não os escolhem. Isso ocorre porque, querendo ou não, os filmes internacionais são muito mais procurados do que os nacionais”, analisa a subgerente.

Como uma grande admiradora do cinema, Solange expressa sua preocupação em relação à falta de visibilidade das produções cinematográficas nacionais. “Acho que a divulgação para esse tipo de filme deveria ser maior ou tanto quanto são para os filmes internacionais. Aqui em Imperatriz eles não divulgam muito”.

Uma forma de viver

João Luciano, realizador audiovisual imperatrizense e formado em cinema pela Universidade Federal do Pará (UFPA), descreve a essência da arte como algo mais do que simplesmente criar imagens em movimento: “Nunca podemos esquecer que o cinema é feito por pessoas e para pessoas. Para mim, o cinema é uma forma de viver o que nunca vivi, o que nunca vou viver ou o que eu queria ter vivido.”

Em setembro de 2023, a produção de sua autoria *Os fãs mais rebeldes que a banda*, que se passa no início dos anos 2000, conquistou os prêmios de melhor filme, roteiro, fotografia, atriz, ator, ator coadjuvante e trilha sonora no Festival Maranhão na Tela, realizado em São Luís.

O produtor afirma que suas fontes de inspiração vão além da realidade, e que investigar as perspectivas locais é um caminho promissor. “Minha principal fonte de inspiração foram as distopias. Ao explorar as potencialidades estéticas e narrativas desse gênero, busquei criar uma alegoria envolvendo nossa cidade e o curso de seu desenvolvimento”, explica Luciano.

“OS FILMES

TÊM QUE SER

PROVOCADORES.

**A ARTE É UM SOCO NO
ESTÔMAGO, ELA TEM
QUE TIRAR SEU FÔLEGO,**

TER IMPACTO NO

SENTIDO DE PENSAR

SOBRE QUEM SOMOS

NÓS E PORQUE

ESTAMOS AQUI.

A ARTE É PRA ISSO.

GILBERTO FREIRE DE SANTANA, PROFESSOR DA UEMASUL

”





PIXELANDO A A MAGIA DO U

ESFERA NERD VEM SE TORNA
EM IMPE

POR

LARA CASTRO

LAURYA SANTANA

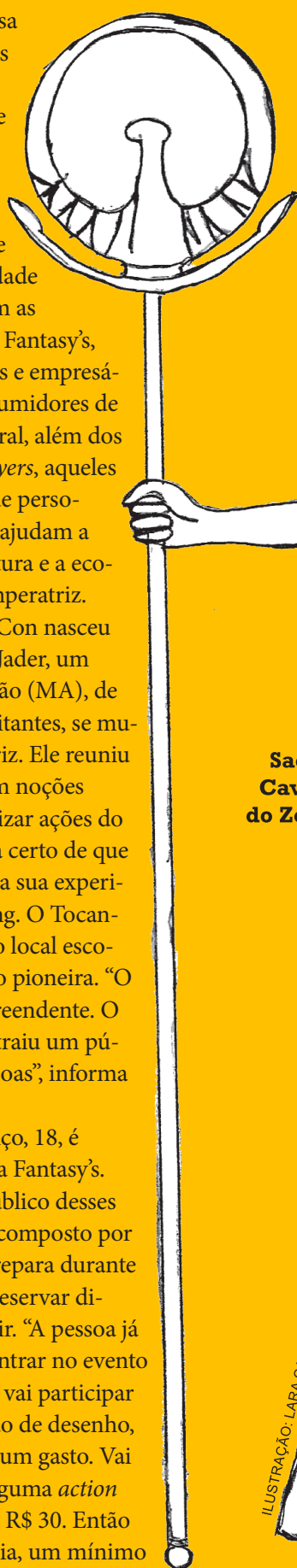
SARAH ROCHA

“Eu precisava criar uma ideia que ia mudar a minha vida e dar uma virada de chave”. O empresário Jader Mo-

reira relembra dessa forma os primeiros passos do AnimaCon, evento que se tornou um marco no cenário geek da região e celebra uma década de sucesso. Hoje a cidade conta também com as edições do Anima Fantasy's, lojas especializadas e empresários da área. Consumidores de cultura pop em geral, além dos aficionados *cosplayers*, aqueles que se fantasiam de personagens temáticos, ajudam a movimentar a cultura e a economia nerd em Imperatriz. A ideia do AnimaCon nasceu em 2013, quando Jader, um morador de Riachão (MA), de apenas 10 mil habitantes, se mudou para Imperatriz. Ele reuniu colegas que tinham noções sobre como organizar ações do gênero, mas estava certo de que o diferencial seria a sua experiência em marketing. O Tocantins Shopping foi o local escolhido para a edição pioneira. “O resultado foi surpreendente. O primeiro evento atraiu um público de 3 mil pessoas”, informa Jader.

Nicolly Lourenço, 18, é criadora do Anima Fantasy's. Ela conta que o público desses eventos, em geral composto por adolescentes, se prepara durante meses e costuma reservar dinheiro para investir. “A pessoa já gasta R\$ 30 para entrar no evento e lá, por exemplo, vai participar de uma competição de desenho, então já é mais algum gasto. Vai querer comprar alguma *action figure*, ali já é mais R\$ 30. Então acho que, em média, um mínimo que a pessoa leva uns R\$ 50 reais, tirando o ingresso. Pelo menos eu fazia isso”, analisa.

Jader destaca que o AnimaCon busca estimular o desenvolvimento de negócios locais em relação ao segmento. “A loja Quadrinhe-se começou no AnimaCon e hoje fabrica



Saori, do
Cavaleiro
do Zodíaco

ILUSTRAÇÃO: LARA CASTRO



REALIDADE: UNIVERSO GEEK

ANDO UMA MARCA CULTURAL ERATRIZ



quadros, brinquedos”, aponta como exemplo. O empresário José Felisberto, dono do Quadrinhe-se, conta que já gostava da temática e que percebeu uma oportunidade de crescer no mercado. “Comecei por volta do ano de 2017, tivemos a ideia de vender esses tipos de produtos geek’s. Inclusive foi nos eventos que deu uma alavancada. Conforme a gente ia para os eventos, vendíamos mais”. Com o sucesso inicial, a equipe do AnimaCon começou a mapear o mercado e identificou um público apaixonado pelo universo geek em Imperatriz. O evento, que já realizou nove edições, reuniu personalidades como os físicos e irmãos, Wilson Namen, Gerson Santos e Daniel Ângelo, responsáveis pelo quadro Ciência em Show, além dos dubladores Charles Emanuel, de Ron, da saga Harry Potter e Wendel Bezerra, de Goku, Bob Esponja e Jackie Chan.

Entre os consumidores da cultura pop, há os que investem em produtos colecionáveis, como objetos e jogos e aqueles que compram e se vestem com roupas personalizadas, os chamados *cosplayers*. O termo se refere a todos os que interpretam, com fantasias, personagens de *anime*, quadrinhos, séries e jogos durante as festas ou eventos. Já os *cosmakers* são aqueles fãs que produzem de forma artesanal seu *cosplay*.

Nicolly explica que os investimentos pessoais em *cosplay* são significativos: “É um gasto extremo. Um amigo meu, o Zero, gasta com tinta, tecido, material. Alguns *cosplayers* já compram em sites, Aliexpress, Shopee, mas, mesmo assim, o frete também é muito caro. Tem a Saori. Às vezes ela gasta, em média, mil reais em um *cosplay*”.

O *cosplayer* e *cosmaker* Gustavo Vitória, 16 anos, conhecido no universo geek como Zero, conta que desde criança já se interessava pelo tema. “O primeiro evento que eu estava, foi em 2019. Eu tocava escaleta, para tocar as aberturas de *animes* e vi uma apresentação.

Me inspirei muito na Chibi e na Saori”, relata Vitória.

A *cosplayer* Cristina, mais conhecida como Saori, teve seu primeiro contato com esse universo ao se deparar com um *cosplay* de um personagem que a encantava. “Em

2019, criei coragem para fazer a minha primeira apresentação e ganhei. Me deu gás para sempre continuar competindo e me esforçar cada vez mais”, conta. Desde então, ela já investiu uma média de R\$2 mil em acessórios para aprimorar suas representações.



Faturamento

A Associação Brasileira de Licenciamento de Marcas e Personagens (Abral), aponta que o nicho geek em 2021, últimos dados disponíveis, faturou R\$ 21,5 bilhões no Brasil, com a venda de itens licenciados. Mesmo diante do cenário da pandemia da Covid-19, houve um crescimento de 5% em relação a 2020.

Algumas pessoas acreditam que a cultura geek está associada somente aos chamados nerds, mas trata-se de um universo amplo, em constante evolução, que engloba cinema, tecnologia e muito mais. A tecnologia de novos jogos online e videogames, o crescimento de lojas geeks e plataformas de *streamings* ganhou visibilidade no mundo inteiro. A série live action One Piece, da Netflix, alcançou o primeiro lugar em mais de 80 países.

O consumidor da cultura geek, Alexandre Nascimento, conta que a maior parte dos que compartilham esses interesses, começa assistindo *animes* com indicações de amigos ou familiares. “Desde muito pequeno, meu pai sempre me colocava pra assistir animes da época dele. Eu mesmo nem sabia o significado de *anime*, mas por conta desse contato, acabei me apaixonando”, conta. Ele acredita que o maior desafio dos fãs é lidar com a discriminação por parte de algumas pessoas que desconhecem a cultura, além dos preços dos produtos, que geralmente estão bem acima do orçamento dos aficionados.

Um levantamento feito pela Rakuten Digital Commerce, entre maio de 2018 e abril de 2019, mostra que consumidores da cultura geek tendem a gastar 40% a mais do que a média nacional. O ticket médio das compras online feitas por geeks é de R\$ 548 e o investimento dos consumidores brasileiros chega a R\$ 329.

Os itens de interesse mais comuns dos consumidores são bonecos colecionáveis, roupas, acessórios, jogos de videogame e mangás. Um dos principais fatores que influenciam o consumo é a paixão pelo mundo geek. A maioria dos amantes são colecionadores de produtos de seus personagens favoritos.

Alexandre dá dicas para quem deseja ingressar no mundo geek. “As obras mais indicadas seriam a franquia de filmes de Harry Potter e as produções dos estúdios Marvel e DC Comics. Na área dos *animes*, minhas principais recomendações são One Piece, Dragon Ball e Naruto”, relata.

ILUSTRAÇÕES: LARA CASTRO - EXCETO SIBITA: YASMIN SILVA

**Goku,
do Anime
Dragon Ball**



**MULHERES
TÊM GANHADO
PROTAGONISMO
NAS HISTÓRIAS,
ALÉM DE
HAVER MAIS
PERSONAGENS
LGBTQIA+**



**DESDE MUITO
PEQUENO, MEU
PAI SEMPRE
ME COLOCAVA
PRA ASSISTIR
ANIMES DA
ÉPOCA DELE**

ALEXANDRE NASCIMENTO

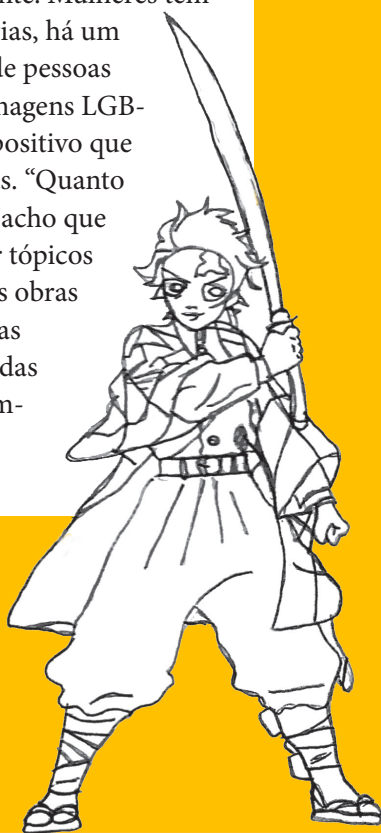
Foram justamente os *animes* que causaram um impacto significativo na vida do Marcos Gabriel. De acordo com ele, eles foram o primeiro elemento da cultura geek com os quais ele teve contato. “Meus irmãos já assistiam e então comecei a assistir. Gostei, porque era como um desenho animado, mas diferente dos desenhos animados comuns, com novos elementos, novas tramas e histórias”, explica.

Os avanços tecnológicos e a expansão do mercado de entretenimentos são responsáveis por impulsionar o crescimento do mundo geek no Brasil. Com isso, houve o surgimento de jogos eletrônicos e a realidade virtual, mas ainda assim, há muitas expectativas quanto ao futuro nesse meio. “Acredito que só vá melhorar e se tornar mais flexível, já existem tecnologias de realidade virtual e inserção das pessoas dentro de um jogo ou outra realidade. Então acredito que vá melhorar e trazer aspectos que melhorem ainda mais essa imersão”, ressalta Marcos.

Mesmo que o mundo geek seja de outro “universo”, ele ainda abre espaço para discutir temas como inclusão e diversidade. Há algum tempo, essa cultura tem levantado temas como a representatividade da mulher, sexismo e discussões acerca de gênero e sexualidade. Até meados de 2012, personagens femininas eram sexualizadas e não representavam nem 20% do protagonismo nos quadrinhos da Marvel. Além disso, ainda em 2012, houve alvoroço quando a DC Comics anunciou que o personagem Lanterna Verde era gay. Esse era um tempo em que não havia tanto reconhecimento à diversidade racial e étnica.

Atualmente, o cenário é diferente. Mulheres têm ganhado protagonismo nas histórias, há um filme composto quase por 100% de pessoas negras, além de haver mais personagens LGBTQIA+. Marcos fala do impacto positivo que a cultura traz ao falar desses temas. “Quanto à diversidade e inclusão, também acho que impacte positivamente, por trazer tópicos relevantes nessa questão. Algumas obras trazem como protagonistas pessoas que são marginalizadas e destratadas por serem quem são, trazendo também o lado delas”.

**Tanjirō
Kamado,
do anime
Demon
Slayer**



DANÇA

Bailarino
Nelson Neto

ENTRE (ANTES QUE ACABE) NESSA DANÇA, IMPERATRIZ

POR

KETCIA FREITAS

GUILHERME CARNEIRO

JEAN QUEIROZ



ILUSTRAÇÃO: KETCIA FREITAS SOBRE FOTO DE JULIANA SANTANA

PROFISSIONAIS DA DANÇA SENTEM FALTA DE ESPAÇOS PARA EXPRESSÕES ARTÍSTICAS E FORMAÇÃO CULTURAL

Ser bailarino em Imperatriz envolve a necessidade de conciliar a expressão artística com a sobrevivência profissional, que muitas vezes está ligada ao universo da docência. Bailarinas e bailarinos se queixam da falta de incentivo e reconhecimento, apontam certo elitismo nas escolas de dança, mas elogiam a liberdade e a inclusão das quadrilhas juninas. A necessidade da formação cultural de um público local para esse campo artístico também tem sido abalada pelo conceito de que todos se sentem bailarinos no Tik Tok.

“Eu vivo de dança. Saber que isso é possível me traz muita esperança”, comenta a bailarina profissional, formada na área pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e em jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Bruna Viveiros. A partir do seu repertório de experiências de professora de dança clássica e noiva de quadrilha junina, Bruna expressa gratidão ao revelar o que conquistou por meio da sua expressão artística: sua casa, transporte e as contas pagas em dia.

A bailarina avalia a expansão das escolas de dança em Imperatriz, desde a pioneira Flávia Homobomo. Lista na ponta da língua seis espaços que estão ativos: Versae; Ponche; Centro Cultural Tatajuba; Ballet Caroline Almeida; Sumaya Eva e Espaço Experimental. São nesses lugares que muitos dançarinos encontram emprego para lecionar. Bruna, que dá aulas de jazz na escola Santa Terezinha, considera que esta é uma opção financeiramente mais segura, visto que os artistas são mais bem remunerados como professores do que por meio de espetáculos.

“AS PESSOAS QUEREM QUE VOCÊ DANCE GRATUITAMENTE, EM TROCA DE DIVULGAÇÃO, MENOS EM TROCA DE PAGAMENTO”

BRUNA VIVEIROS

Formado em dança contemporânea pela UFPA e dançarino profissional independente há 9 anos, Bruno Cantanhede acredita que o balé clássico se tornou uma arte elitizada em Imperatriz. “Os valores não são nada acessíveis. Nem todo mundo tem condição de dar R\$ 300 por mês para aprender”, avalia. Ele alerta para o perigo de as danças clássicas deixarem de existir na cidade se continuarem nesse mesmo ritmo.

Especialista em balé clássico e dançarino desde os 10 anos de idade, Nelson Neto viajou para vários lugares do Brasil para se profissionalizar. Porém, considera que no atual cenário da dança em Imperatriz, é difícil obter uma boa renda trabalhando exclusivamente como dançarino e fazendo apresentações. Nelson também teve que rever sua atuação profissional: “Eu sempre quis ser bailarino. Caí como professor de paraquedas.” Para ele, o balé clássico envolvia uma expressão corporal e gestual de forma mais suave e menos “quadrada”, algo que vem sofrendo reconfigurações. “O balé está vindo de uma forma diferente. Na minha época era mais humano, não era tão robótico como é hoje.”

A coreógrafa Ana Souza confessa que muitas vezes viu o seu coração dividido entre suas personalidades de bailarina e professora. Na sua opinião, para quem é apaixonado por dança, apenas lecionar não vai suprir o desejo de estar nos palcos, local onde a magia acontece e os seus movimentos a transformam de dentro para fora. Quando se leciona dança, segundo Ana, mesmo que se estude muito, este nunca é um conhecimento que vai ser aplicado para si próprio, e, sim, em prol de seus alunos.

Ana sempre vibra quando seus alunos estão no palco, e diz conhecer exatamente a sensação que eles estão sentindo. “Aquele frio na barriga, com todos os olhos voltados para você”. Ela revela que pensar nisso a deixa com saudades de se apresentar. Foi a partir do convite para se tornar noiva na quadrilha Matutos do Rei, de Açailândia, que Ana realizou o desejo de voltar aos tabladros. “No início foi difícil conciliar aulas com ensaio, mas era uma coisa que eu precisava, é o que me deixa feliz”.

Bruna Viveiros acredita que no imaginário das pessoas é muito mais vantajoso pagar por uma apresentação de música, já que ela teria uma durabilidade maior do que a dança. “As pessoas querem que você dance gratuitamente, em troca de divulgação, de qualquer coisa, menos em troca de pagamento pelo seu trabalho”. Essa percepção faz com que muitos artistas de dança abandonem a área de espetáculos e foquem as suas energias em lecionar.

Para Bruno Cantanhede, os profissionais da dança em Imperatriz partilham do sentimento de abandono por parte das secretarias de cultura do estado e município. “Quando se trata de cultura, Imperatriz é esquecida. Acredito que nos interiores deve ser pior ainda. Porque tudo só acontece lá em São Luís, mas em Imperatriz que é a segunda maior cidade do estado, não acontece absolutamente nada que vem do governo. E a prefeitura é pior ainda”, critica.



**Bailarina
Ana Souza**

Comparando sua experiência, Nelson Neto destaca a diferença entre a realidade de dançarinos no Maranhão e em outros estados. Para ele, a valorização é muito maior fora da região, pois há mais apoio financeiro e pessoas interessadas na dança. “As pessoas [de fora] queriam me ver no palco, ver a minha evolução. Aqui eu vejo a dança, o balé, como uma obrigação, parece só a aula.”

Outro campo de atuação é a assessoria coreográfica, área que, segundo Bruna Viveiros, surgiu com ela e o grupo de dança Pasárgada. A bailarina revela ter se arrependido de não terem patenteado o termo. A prática de ensinar dança para apresentações em eventos como formaturas e casamentos, se tornou cada vez mais comum e todos utilizam o mesmo nome para descrever a prestação de serviço.

Embora frise o aspecto encantador da dança, Nelson ressalta que ser dançarino em Imperatriz é uma luta diária que envolve muito estudo. Na sua opinião, o mercado local de dança leva os profissionais a seus limites e os deixa por vezes em situação de insegurança financeira. “Não tem renda se você não tiver uma CLT, pegar umas dez turmas para trabalhar e se você não estiver trabalhando para uma escola de dança que tenha um renome. Você não vai ter como sobreviver”, concorda Bruno Cantanhede.

As redes sociais trouxeram novas oportunidades de criar e divulgar as danças, colocando profissionais e amadores



**Bailarina
Bruna
Viveiros**

nos mesmos holofotes. Mas nem todos acreditam que os efeitos do meio digital sobre a dança são positivos. Para Nelson Neto, o fenômeno levanta questões importantes sobre valorização e reconhecimento. “Eu acho injusto falar que pessoas que dançam Tik Tok são profissionais. Sendo que eles são mais valorizados do que a gente, que estuda até hoje”, lamenta. Bruno Cantanhede, por sua vez, reforça que esse fenômeno gerou um desinteresse cultural em espetáculos de dança por parte da população.

Rumos e esperanças

O movimento junino, muito forte em Imperatriz e toda região Tocantina maranhense, é um espaço que envolve muitas pessoas que não tiveram oportunidade de estudar dança, mas que mantêm dentro de si a essência de artistas. “As quadrilhas servem para preencher o amor de muitos brincantes pela cultura e pela arte. É através delas que a gente pode se ver como artista”, comenta o dançarino e noivo da quadrilha Arrasta Pé, Máyk Leal. Ele destaca o ambiente das danças populares como muito acolhedor. Devido à diversidade dos brincantes, preconceitos envolvendo crenças pessoais, raça e orientação sexual não são levadas em conta, já que todos estão ali pelo mesmo motivo: viver o São João por meio da dança.

Bruno vê que a dança tem conquistado mais espaços na cidade, embora esteja cercada de incertezas e dilemas. O bailarino demonstra se preocupar com o tempo que esse campo tem lutado para conseguir trilhar novos horizontes. “Mesmo com Imperatriz não valorizando, a dança segue engatinhando, só que ainda não aprendamos a andar”. Apesar dos desafios, Nelson oferece recomendações valiosas para aqueles que aspiram seguir seus passos. “A dança é um trabalho rápido, você começa novo e termina logo, então tem que curtir cada momento”, aconselha.

ARTESANATO

MÃOS QUE CRIAM

CENTRO DE ARTESANATO
DE IMPERATRIZ INTEGRAL
ARTE E PRODUÇÕES
MANUAIS COMO UM
ESTILO DE VIDA

POR
LUANA BANDEIRA
VALDEÍRES FERREIRA



FOTOS: VADEÍRES FERREIRA

Desde 2018 à frente da Associação dos Artesãos de Imperatriz (Assari) e do Centro de Artesanato, a coordenadora Simone Fonseca ressalta que, antes, essas instituições estavam falidas. Os artesãos não contavam com feiras, eventos e locais para vender. Atualmente, a equipe conta com 336 artesãos cadastrados e 222 com a carteira nacional, já profissionalizados para o trabalho do artesanato brasileiro.

A Assari hoje é uma entidade forte, atuante e consideravelmente organizada no Maranhão. A diretora informou que a associação não recebe nenhum recurso para desenvolver os trabalhos. O apoio dos poderes públicos custeia apenas a estrutura física do Centro de Artesanato. “As ações da associação nós realizamos através de uma taxinha que elas pagam, no valor de R\$15. Começamos do nada, ainda está longe de ser a plenitude, mas graças a Deus hoje os artesãos já estão bem encaminhados”, considera Simone.

Mesmo assim, nos últimos cinco anos, a linha de produção da Assari foi bastante fortalecida. Durante o Salão do Livro de Imperatriz (Salimp) de 2022, a instituição chegou a faturar R\$ 30 mil com a feira.

A empreendedora e artesã Marlene Zavarize afirma que as integrantes fixas da associação realizam um trabalho típico de “formiguinhas”. Muitas vezes elas saem em busca de novas integrantes para o centro de produção, já que algumas costumam deixar de executar atividades por um bom tempo. Marlene relata que precisa se desdobrar para conseguir vender todas as suas peças: “Não é uma renda que você pode pagar conta de luz, telefone, e aluguel, porque não dá”.

Com relação à organização dos eventos do Centro de Artesanato, Simone Fonseca alega que oferece assistência e atua não só em Imperatriz, mas em outros municípios do sul do Maranhão. Ela afirma que, por serem trabalhos voluntários, não há apoio financeiro da Assari, do Estado ou da prefeitura. Nos boxes, onde ficam expostas as artes, a equipe faz um rateio de despesas para garantir o local de trabalho. Em sua maioria, as artesãs são pessoas acima de 60 anos. “A gente tem tido uma demanda muito grande por conta das pessoas dessa faixa de idade, que estavam em casa, sofridas, reprimidas, se achando já totalmente obsoletas”, comenta Simone.

A dificuldade de vender os produtos muitas vezes gera uma sensação de incapacidade às trabalhadoras. A falta de matéria-prima também têm prejudicado essas mulheres, que, com frequência, precisam se deslocar para Açailândia-MA em busca de ferramentas para produzirem.

**336 artesãs e artesãos
estão cadastrados
em associação de
Imperatriz.**



MATERIAIS E SENTIMENTOS

Os veículos de comunicação de Imperatriz também têm desempenhado um papel significativo na divulgação dos eventos realizados pela Assari. A coordenadora conta que a TV Mirante, afiliada da Rede Globo na cidade, assim também, como as emissoras Difusora Sul, Nativa e Meio Novo, apoiaram a causa. Dentre as várias festividades já organizadas, o “Arraiá da Cultura”, comemorado em cinco dias, na Praça da Cultura, foi o que mais marcou a entidade.

A assistente social Lucilene Lucena trabalha na Assari há 25 anos, desde a criação da entidade. O Centro de Artesanato não tinha local fixo, as filiadas se reuniam na Fundação Casa da Mulher e em outras residências. Seu interesse maior é sempre estar presente nas feiras realizadas pelo Centro. A vontade de se tornar artesã surgiu em um período sensível, quando ela havia terminado seu casamento e estava em busca de uma renda para sustentar o seu filho. O biscuit (objeto/bibelô-massa de porcelana fina), foi o primeiro material com o qual ela aprendeu a trabalhar.

Graduada em Serviço Social, Lucilene afirma que o período de pandemia da Covid-19 não foi ruim para ela, pois a demanda de produção estava flexível. “Além do artesanato, eu também vendia bolos cakes, então não tenho o que reclamar. Não atingi o pico de vendas, mas deu para suprir e continuar. Fora as encomendas, nós do Centro também tivemos ajuda no governo do Estado, com auxílio financeiro nesse período”, declara.

O artesanato não é só um meio de empreendedorismo, mas sim, um hobby que muitos artesãos amam produzir no seu dia a dia. Envolve um despertar de criatividade e habilidades nos profissionais. Além de ser professora aposentada, Madalena Freitas, 77 anos, é uma artesã que está na Assari há um ano e meio.

Especializada em crochê, ela reflete sobre como surgiu o seu interesse pelo artesanato. “É algo que nasce com a gente. Quando eu morava no interior com meus filhos, lá era muito frio, aí comecei a fazer peças de roupas em tricô. Na época que minhas filhas nasceram, eu fiz todo o enxoval de crochê à mão”.

Para Madalena, as feiras não são apenas espaços de comércio, mas também envolvem trocas de energia com os consumidores. Os idosos costumam se dedicar ao artesanato para não deixarem o cérebro envelhecer. “Quando você trabalha muito com a mente, acaba criando novas ligações e vários produtos artesanais. Por isso, quando o cérebro cria, ele não envelhece”, reforça.

“ARTESANATO É BOM PARA QUEM FAZ E PARA QUEM COMPRA. AS ARTES SÃO CHEIAS DE CARINHO, ENERGIA, ESFORÇO E DEDICAÇÃO”

MADALENA FREITAS, ARTESÃ



CRIATIVIDADE E RIQUEZA NOS DETALHES

O artesanato movimenta tanto a cultura quanto a economia da cidade. A artesã Madalena frisa que os trabalhos não são somente produtos, mas carregados de sentimentos visíveis em cada detalhe, por quem se interessa. “O artesanato é bom para quem faz e para quem compra. As artes são cheias de carinho, energia, esforço e dedicação. Os consumidores não estão comprando apenas uma linha, mas sim um projeto, criado por alguém que está atrás de uma agulha ou um quadro pintado, e até mesmo de um colar feito com sementes”.

Há pessoas que vivem do artesanato e as feiras são realizadas para que as associadas tenham essa garantia. “Geralmente, se passar dos 40, 50 anos, é mais difícil conseguir um emprego. As pessoas acham que o outro vai envelhecendo e perde a capacidade. E na verdade, às vezes, essa pessoa, além do conhecimento, ainda tem uma experiência que o mais jovem não tem”, argumenta a artesã Madalena. Para a artesã e dona de casa Rosilene Gomes, também conhecida como Rosa, a paixão pelo artesanato surgiu a partir do incentivo de seu marido, Henrique Xavier, que já exercia a profissão antes de conhecê-la. Os dois começaram a frequentar o centro de produção pouco antes da pandemia de Covid-19, e, desde então, só cresceu o amor pela criação. “Eu não gostava desse tipo de produto artístico. Mas, com o passar do tempo em que eu acompanhava meu esposo na Assari, comprei a linha e alguns outros materiais e resolvi aprender também. Hoje, eu amo o que faço”, relata Rosa.

Há pessoas que ainda têm preconceito em relação ao artesanato. Alguns cidadãos, que desconhecem o processo e as histórias por trás de cada produto, não valorizam as peças artesanais. “A maioria dos indivíduos pensa que o artesanato é coisa do lixo. Uma senhora já idosa nunca havia entrado na Assari e desconhecia o trabalho dos artesãos. Mas quando decidiu entrar pela primeira vez, ela se maravilhou e passou a enxergar a realidade com outros olhos”, enfatiza a artesã Rosa.

A presidente Simone Fonseca pondera que a instituição já transformou a vida de muitas mulheres e é vista como um local de aconchego e espaço de empoderamento. Graduada em administração, Simone também está à frente de projetos da entidade em São Luís. “Hoje somos uma associação mais forte aqui em Imperatriz e demais municípios. A mais atuante e organizada em todo o Maranhão. Inclusive, ganhamos da capital, em termos de eventos, de feiras, de tudo que a gente faz e que, graças a Deus, a gente consegue”.

**Simone Fonseca
preside a Assari
desde 2018.**



UM RECORTE SOBRE A REALIDADE DO CENÁRIO MUSICAL IMPERATRIZENSE FEITO POR ARTISTAS E PRODUTORES DOS GÊNEROS DO ROCK, GOSPEL, SAMBA E PAGODE

SONS, RITMOS, GÊNEROS E SUB- GÊNEROS

POR

JANAYNA SOUSA

RENATA LIMA

EDUARDA ANCHIETA

Quem analisa o cenário musical de Imperatriz percebe o espaço mais privilegiado para a música sertaneja e o forró, em termos de bares, eventos e preferência do público. Mas, um olhar mais atento permite enxergar outras cenas, como a do rock e do samba, que batalham por mais visibilidade e incentivo, além do gospel, que traça um caminho paralelo, graças ao apoio das igrejas evangélicas. O público também parece estar aberto a uma diversidade de estilos.

“A gente faz uma coisa sem apoio da prefeitura, nem energia elétrica tem na praça. Essa galera vê a cultura como uma pasta, né? Tem dinheiro para o hospital e para a cultura. Ou seja, não fazem porque não querem”, afirma o músico e compositor com 15 anos de carreira, Anderson Lima, que atua tanto em trabalho solo quanto com a banda de rock Melquíades.

O produtor e também músico, Gabriel Delmondes, define Imperatriz como um berço musical excelente. “É absurda a qualidade musical, tem muito músico bom. Porém, o que mais pega é que não tem lugar para tocar, para essa galera ganhar dinheiro”. Ele também reivindica mais apoio dos poderes públicos, porque “se o Estado investisse, talvez Imperatriz seria muito melhor do que ela é hoje”. Anderson Lima ressalta que embora projetos como o Conservatório Dramático e Musical, mantido pela prefeitura, não tenham muita influência na cidade, o nível técnico dos músicos e bandas que lá se formam é alto e não perde em termos nacionais.

Eventos anuais, como a Expoimp, reservam um dia para o público cristão, o que indica a expansão do gênero gospel na cidade. Ítalo Viana, 23 anos, começou a cantar aos 8 e compartilha suas experiências musicais. “Em Imperatriz, temos igrejas conhecidas, como a Assembleia de Deus e a Nova Aliança, que



**Gabriel
Delmondes**



**Anderson
Lima**

**Gabriel
Albuquerque**



”TEM MUITO MÚSICO BOM. PORÉM, O QUE MAIS PEGA É QUE NÃO TEM LUGAR PRA TOCAR”

GABRIEL DELMONDES, MÚSICO



ILUSTRAÇÃO: NATÁLIA CATHERINE

desempenham um papel fundamental na cena da música evangélica gospel. Artistas como as cantoras Janaína Martins e Stella, as bandas Átrios e Som e Louvor, entre outros, realizam um trabalho incrível”, destaca, indicando uma cena forte, mas que não costuma ter tanta visibilidade fora do universo religioso.

Por outro lado, a 1ª edição do Festival Canta Imperatriz, que ocorreu nos dias 7 e 8 de outubro de 2023, promovido pelo governo do Estado com o apoio de outros patrocinadores, confirmou como é possível promover um evento eclético, com a MPB de Lena Garcia e Erasmo Dibell, o flashback das bandas Retrô e Lostalgia, o forró de Jorge Baião e o samba de Nego Fit. Para o coordenador do evento, Daivison do Nascimento, o critério de escolha de artistas esteve ligado à sua boa recepção junto à população imperatrizense. “Fizemos uma pesquisa de preferência musical da cidade, e dentre elas, foram alternando entre diversos ritmos e preferências. A partir dessa pesquisa, a empresa entrou em contato com cada um dos artistas para atender a expectativa e gosto musical da população”, explicou.

Raíssa Ferreira da Silva, 27 anos e cantora gospel há 19, menciona a importância dos locais em Imperatriz, como as igrejas Nova Aliança e o Templo Central da Assembleia de Deus que “têm ministérios de louvor bem estruturados”. Ela também destaca eventos que promovem o desenvolvimento dos membros das congregações e levam a mensagem do evangelho por meio da música, como o Encontro de Bateristas, na Beira-Rio, e os congressos de jovens da União de Mocidade da Assembleia de Deus (Umadi).

Gabriel Albuquerque, cantor de rock gótico conhecido como Gawe, analisa que ainda é reduzido o número de pessoas que gostam do estilo. “Ainda estamos caminhando, percebo que tem pessoas que gostam, mas dá pra contar nos dedos”. Gawe cita que, embora as redes sociais como TikTok

tenham ajudado a viralizar o rock gótico, eventos como o Luau Cultural, Pôr do Sol e outros, voltados ao rock e de anime, como exemplos de espaço para o gênero, mesmo que as pessoas não saibam o nome.

Já Rafaella dos Santos Rodrigues, que canta o estilo gospel há 7 anos, afirma que a fé, a música e a cultura se entrelaçam, formando uma identidade única na cidade. “A música gospel tem a finalidade de chamar as pessoas para Cristo e conectá-las ao ministério da música, permitindo que aprendam mais sobre teorias musicais e instrumentos”, opina. Raíssa Ferreira enfatizou que a música gospel tem sua própria identidade e cultura em Imperatriz. Ela acrescenta que o crescimento desse gênero tornou a cidade conhecida e referenciada em todo o país.

Nego Fit, sambista e pagodeiro desde os anos 1990 e que foi integrante do segundo grupo do gênero em Imperatriz, TradiSamba, tem uma visão otimista quanto ao ecletismo do público com relação à música na cidade. “Aqui é uma mistura de ritmos, não tem uma definição. Prevalece mais o forró, mas aqui tudo que toca, a pessoa dança, e o samba tem um público forte, tem espaço para todos”, explica.

No início de 2023, Gabriel Delmondes se mudou de Imperatriz para São Paulo, com objetivo de dar continuidade à sua carreira musical. Comparando suas origens com a experiência na grande metrópole, ele diz que a principal diferença é a falta de espaços para tocar nos nichos pop rock e pop. “Os músicos têm que se virar para fazer evento e colocar pra tocar. Porque geralmente não tem casa de shows para fazer. Ou a gente organiza, ou é uma casa única que tenha, ou show particular”, relata. Mas na opinião do produtor Daivison do Nascimento, a cidade tem alto potencial na indústria musical. “O que nós temos como convicção é que o poder público precisa contribuir ainda mais”, concorda. A cultura é uma “política pública” que deve ser fomentada, ela não se restringe somente às apresentações dos bares, na sua opinião.

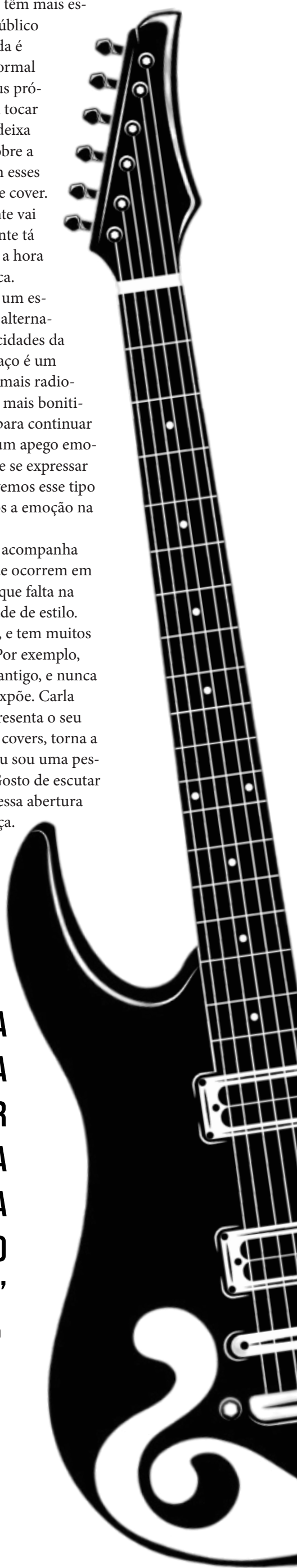
Para Anderson Lima, os covers têm mais espaço no rock imperatrizense e o público para música autoral na cidade ainda é muito reduzido. Ele relata que é normal as bandas de rock organizarem seus próprios festivais, nos quais é possível tocar alguma canção original. Mas não deixa de fazer um comentário irônico sobre a recepção do público. “Quando tem esses festivais a banda toca um monte de cover. Aí a banda fala assim: ‘Agora a gente vai tocar a nossa música autoral. A gente tá gravando, vai lançar em breve’. E é a hora que a galera vai ao banheiro”, brinca.

Gawe acha que Imperatriz tem um espaço de música maior para estilos alternativos em comparação com outras cidades da região. “O tipo de música que eu faço é um nicho do subgênero. Tem gêneros mais radiofônicos, mais leves de ouvir e letra mais bonita”, complementa. A motivação para continuar no estilo vem, segundo Gawe, de um apego emocional e pela forma como consegue se expressar por meio da música. “Nós, que vivemos esse tipo de música, sabemos que colocamos a emoção na frente”, completa.

A social media Carla Guerrero acompanha muitos shows ao vivo e eventos que ocorrem em Imperatriz. “Na minha opinião, o que falta na cidade é estrutura e uma diversidade de estilo. Aqui tem um estilo predominante, e tem muitos outros que quase nem aparecem. Por exemplo, nos bares, quase não vemos MPB antigo, e nunca ouvi falar de um que toque jazz”, expõe. Carla ressalta que quando um cantor apresenta o seu trabalho, no lugar de tocar apenas covers, torna a apresentação mais interessante. “Eu sou uma pessoa que gosta demais de música. Gosto de escutar coisas novas e que o cantor tenha essa abertura para mostrar o trabalho dele”, realça.

**“A BANDA FALA
ASSIM: ‘AGORA A
GENTE VAI TOCAR
A NOSSA MÚSICA
AUTORAL. E É A HORA
QUE A GALERA VAI AO
BANHEIRO”**

ANDERSON LIMA, MÚSICO





VISITE NOSSOS CANAIS



www.zinesibita.ufma.br

@zinesibita